

## Processos de entrada em comunicação das crianças de 3 anos

Desde a publicação dos estudos de Piaget, no princípio do século — que defendiam a existência de uma linguagem essencialmente egocêntrica até aos 6-7 anos, evoluindo progressivamente para uma linguagem socializada — os trabalhos sobre a comunicação infantil têm-se multiplicado. Alguns confirmam as teses de Piaget, outros refutam-na. O que parece fundamental na determinação destes resultados contraditórios são variáveis de tipo metodológico.

Beaudichon (1979), numa recensão crítica de investigações sobre a comunicação na criança, mostrou que, quando se tenta estudar as crianças em situações naturais, utilizando tarefas que lhes interessam e lhes são acessíveis, os resultados são opostos aos de Piaget e vão no sentido de que a linguagem e o comportamento da criança são sobretudo, e desde cedo, socializados.

Deste modo, investigações sobre o desenvolvimento social da criança conduzidas em situações naturais, mostraram que uma das primeiras funções da linguagem é a comunicação e, mesmo antes da aquisição de uma linguagem verbal, a criança utiliza processos gestuais e vocais para estabelecer e prolongar uma comunicação.

---

(\*) Docente no ISPA. D. E. A. em Psicologia pela Universidade de Paris V, Sorbonne.

Para Soler (1977), a criança de 4-6 meses utiliza já a apelação, respondendo negativamente ao afastamento de um adulto. E, aos 7-9 meses, a criança chama a atenção sobre si e convida à acção, utilizando emissões vocais e gestos. Estes mesmos resultados foram constatados por Josse e col. (1973), e por Lezine (1977), ao estudarem a comunicação criança-adulto.

Flament (1977), num estudo sobre as interações sociais infantis, mostrou que a criança de idade inferior a 2 anos entra intencionalmente em contacto com um par, enquanto objecto especificamente social. Estes resultados foram confirmados por Eckerman e col. (1975, 1977), que afirmam que mesmo a criança de 10 meses manifesta um interesse pelo par de idade enquanto sujeito, após o estudo da interacção de crianças que não se conheciam, na presença e ausência de brinquedos, para controlar a influência dos objectos.

Slama-Cazacu (1966) encontrou, em crianças de 2-3 anos, a utilização frequente de processos tais como imperativos, vocativos, paralinguagem, exclamações e repetições, para chamar a atenção de um par de idade.

Montagner (1978), num estudo etológico sobre uma população de crianças de 7 meses a 6 anos, observou uma sequência-tipo

de comportamentos para estabelecer uma comunicação, utilizada desde os 14 meses até aos 6 anos de idade, composta pelos processos seguintes: inclinação lateral da cabeça e do tronco, acompanhada por um sorriso ou uma oferta, vocalizações e/ou palavras.

Vários estudos mostram, também, que os comportamentos de comunicação na criança de 3 anos são já função do interlocutor. Assim, Jacklin e Maccoby (1978) constataram a influência do sexo do par no comportamento social de crianças de 33 meses ao nível da frequência de comportamento social dirigido (mais elevado em pares do mesmo sexo), e também ao nível dos tipos de comportamentos utilizados. A idade é outra das variáveis estudadas. Langlois e col. (1978), estudaram crianças de 3 a 5 anos e mostraram que existe uma maior frequência de comportamentos dirigidos ao par, em pares compostos por crianças da mesma idade. Suard e Delamare (1980), numa situação experimental de jogo, mostraram que existe uma evolução, dos 3 aos 6 anos, no emprego cada vez mais frequente de meios verbais e directos, para chamar a atenção. A adaptação em função da idade do interlocutor (criança mais nova ou adulto) apareceu desde os 3 anos, e manifestou-se pela utilização mais frequente de meios directos e não verbais na presença de uma criança mais nova, e de meios indirectos e verbais na de um adulto.

Mueller (1972) estudou a interacção verbal entre pares de crianças do mesmo sexo, de 3,5 a 5 anos, não se conhecendo, e constatou que as crianças, mesmo as mais novas, revelaram um grande interesse social, e que mais de 62% dos enunciados verbais recebiam uma resposta do receptor. O autor aponta como factores principais na obtenção de uma resposta a distância entre os interlocutores, a atenção visual do receptor e a produção de um enunciado correcto pelo emissor.

Mueller e col. (1977) repetiram a experiência, mas com crianças de 2 anos, estudando a sua evolução durante 11 meses. Os autores concluem deste estudo que o terceiro ano é o período de crescimento rápido da interacção espontânea, e aquele em que a criança aprende a seleccionar o conteúdo das mensagens e a utilizar o olhar para manter o contacto.

Garvey e Hogan (1973) encontraram, em crianças de 3,5 a 5 anos, uma grande frequência de interacção verbal. Os autores, baseando-se nos resultados de Schegloff (1968) sobre a utilização de «rotinas» pelo adulto para estabelecer e manter um contacto, tentaram encontrar «rotinas» na criança, e afirmam que as crianças desta idade utilizam já, por vezes, «rotinas» bem construídas, embora não especifiquem de que tipo de processos se compõem.

Se a existência de uma comunicação infantil, precoce, adaptada e mais ou menos complexa, é um facto actualmente indiscutível, muito pouco se sabe sobre os processos utilizados para estabelecer a comunicação. Mesmo os autores que abordaram o assunto, fizeram-no no âmbito de outros objectivos mais latos e de um modo muito pouco sistemático, o que conduziu a resultados bastante lacunares. O nosso objectivo é precisamente o estudo dos processos utilizados pela criança no estabelecimento da comunicação.

O que nos interessou, no trabalho que apresentamos, foi observar os processos de entrada em comunicação utilizados por crianças de 2-3 anos — idade em que a criança começa a dominar a linguagem verbal, em que os processos de interacção ocorrem já frequentemente; e, por outro lado, idade referida por Mueller como um período importante na aprendizagem dos processos para estabelecer e manter uma interacção. Para eliminar efeitos de familiarização e de possível aquisição de meios pessoais, e, deste modo, observar os processos de estabelecimento de comunicação da forma mais

«pura» possível, estudámos crianças que não se conheciam. Para eliminar os efeitos, constatados por alguns autores, de sexo e idade do interlocutor sobre os processos de comunicação, só observámos pares de crianças do mesmo sexo e idade.

O trabalho processou-se do seguinte modo: pares de crianças que não se conheciam, da mesma idade e do mesmo sexo, na ausência de adultos, foram observados numa situação de jogo livre durante 10 minutos. Todo o comportamento vocal e não-vocal foi gravado por um *video-tape* e por um gravador. Todos os comportamentos que os sujeitos utilizaram para chamar a atenção do par, e que desencadearam uma comunicação, foram identificados e depois analisados. A análise efectuada foi de dois tipos:

— Análise do tipo de processos utilizados para estabelecer uma comunicação, enquanto processos vocais e não-vocais e, em cada um destes dois grandes grupos, os tipos de comportamentos mais utilizados.

— Análise de modelos de processos, constituídos por seqüências de comportamentos utilizados pelo emissor, que desencadearam uma comunicação com o interlocutor.

O efeito da idade sobre os processos de comunicação e de interacção foi constatado por todos os autores que estudaram crianças de vários níveis de idade.

Lezine (1974 e 1977), Soler (1977) e Mehrabian (1972) sublinharam a importância de uma linguagem gestual e de uma paralinguagem na comunicação da criança muito nova, e a passagem progressiva, com a idade, destas formas anteriores de comunicação à comunicação verbal.

Uma interacção social mais frequente e mais complexa com a idade foi, também, constatada por Flament (1977) e Eckerman e col. (1975, 1977) entre outros autores.

A importância de uma certa convencionalidade dos comportamentos de comunicação foi sublinhada por Montagner (1978): «é a ritualização dos encadeamentos moto-

res, vocais e verbais que regula o diálogo da criança com o seu meio social» (p. 256). Do mesmo modo, Mehrabian (1972) diz que os comportamentos de comunicação infantis começam por ser função de um contexto particular, evoluindo de uma forma pessoal para uma forma convencional. Esta evolução constata-se na relação entre comportamento de comunicação e o referente, por exemplo, pela passagem progressiva da utilização de uma onomatopeia para a palavra convencional e, nas relações entre emissor e receptor, pela passagem progressiva do receptor personalizado (ex: o sujeito X), até ao receptor enquanto outro generalizado, quer dizer, impessoal (ex: o sujeito adulto).

Assim, para estudar os efeitos de um domínio progressivo da linguagem verbal e da aprendizagem social sobre os processos de entrada em comunicação, pensamos completar o estudo agora apresentado com outro a realizar em crianças de 5-6 anos de idade. Com efeito, a criança de 5-6 anos domina facilmente a linguagem verbal e, pela sua experiência de vida em grupo, tem certamente uma aprendizagem estruturada, das regras sociais de utilização da linguagem em função do contexto.

## METODOLOGIA

### *Objectivo*

O objectivo do trabalho foi estudar os processos de entrada em comunicação em pares de crianças que não se conheciam, de idade o mais próxima possível, e do mesmo sexo, numa situação controlada, mas tão livre quanto possível.

### *Princípio*

O princípio foi, numa fase preliminar, familiarizar as crianças com o experimentador e a situação. Numa segunda fase,

observar pares de crianças, registar todo o seu comportamento e analisá-lo, de modo a identificar o que cada uma das crianças faz para estabelecer uma comunicação com o par.

### *População*

A amostra foi constituída por 32 crianças que frequentavam quatro jardins infantis, do mesmo sector geográfico, nos arredores de Paris.

As crianças foram seleccionadas em função das variáveis seguintes:

- Língua materna francesa.
- Frequência na escola desde o início do ano lectivo.
- Adaptação escolar.

A idade dos sujeitos observados variou entre os 27 e os 36 meses, e a média foi de 34 meses.

Os pares foram observados em pares unisexuados e foram observados 10 pares do sexo feminino e 6 pares do sexo masculino.

### *Situação e material*

A observação efectuou-se numa sala pertencente a uma das escolas, mas desconhecida das crianças. O espaço de que dispunham foi de cerca de 3 × 5 metros. Neste espaço, e de modo a estimular a actividade e o estabelecimento de contacto entre as crianças, foram dispostos vários tipos de brinquedos diferentes: telefones, cartas de jogar, bonecas e roupas, loiças, livros infantis, automóveis, uma garagem e peças de lego.

### *Procedimento*

A investigação foi conduzida em duas etapas diferentes:

1. Devido à idade das crianças e ao tipo de experiência, a primeira etapa foi de familiarização das crianças com os experimentadores, o local e a situação. Assim, as crianças de cada escola foram conduzidas em pequenos grupos (4-5 crianças), pelos experimentadores e uma vigilante da sua escola, ao local de experimentação, onde brincaram livremente. Esta sessão preliminar decorreu durante cerca de uma hora e não foi gravada.

2. No máximo uma semana depois, cada criança foi conduzida ao local de observação, onde era deixada com outra criança que não conhecia, sendo-lhes dito: «Agora vão brincar um pouco nesta casinha com os brinquedos que quiserem, vou trabalhar um bocadinho e volto já.»

O comportamento das crianças era gravado, desde que o experimentador saía do local de observação, por um gravador e um *video-tape* dissimulados.

### *Tratamento dos dados*

#### 1 — Identificação dos comportamentos pertinentes

Os comportamentos registados foram integralmente transcritos por 3 pessoas. Os filmes e gravações foram revistos as vezes necessárias, até à obtenção de um acordo.

O princípio da transcrição foi de anotar todos os comportamentos vocais e não-vocais das duas crianças, tendo em conta a sua duração, simultaneidade e sucessão.

Sobre a transcrição dos filmes, começámos por identificar, nos protocolos, os períodos de «comunicação» e os períodos «antes de uma comunicação». Retemos os períodos «antes de uma comunicação», quer dizer, os períodos que começam quando há um desvio da atenção de pelo menos uma das crianças sobre o outro e/ou a sua acção, e terminam quando uma das crian-

## GRELHA DE CODIFICAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENTRADA EM COMUNICAÇÃO

Código	TIPOS DE PROCESSOS	UNIDADES DE COMPORTAMENTO
( )	PROCESSOS NÃO-VOCAIS	
(OS)	Orientação Social	olhar, sorrir
(AS)	Actividades Sociais com os objectos	dar, mostrar, estender, tentar tirar um objecto ao par
(AO)	Actividades sobre os objectos	bater, empurrar, atirar, fazer barulho com os objectos
(CI)	Comportamento de imitação	fazer a mesma acção, pegar num objecto que o outro deixa...
(AC)a	Atitudes Corporais	gestos das mãos e dos braços, inclinação do tronco, ajoelhar-se...
(AC)b	Deslocamento no espaço	andar, gatinhar, saltitar...
(AC)c	Contacto físico	tocar no outro, tirar um objecto das mãos do par...
[ ]	PROCESSOS VOCAIS	
[EV]	Exercício vocal	monologar, cantarolar
[AR]	Auto-repetição	repetir o mesmo enunciado várias vezes
[DC]	Designação, Constatação	nomeação de um objecto ou acção, fazer constatações ou comentários...
[Q]	Questões	interrogações, mas quando não se trata de convites nem de pedidos
[PS]	Pressão social	pedidos, ordens, convites
[PA]	Processos Atencionais	enunciados do tipo «olha», «ouve», «viste», ...
[PL]	Paralinguagem	risos, onomatopeias...

ças consegue estabelecer comunicação com o outro.

Este primeiro tratamento foi feito após a identificação dos períodos em 7 protocolos, feita por duas pessoas separadamente e a discussão sobre as divergências, as quais foram raras.

## 2 — Codificação dos comportamentos identificados

Após esta primeira etapa, e sobre os períodos retidos, codificámos todos os comportamentos da criança que conseguia chamar a atenção do par. Para a codificação dos comportamentos construímos uma grelha.

A nossa grelha de codificação compõe-se de dois grandes grupos de comportamentos: vocais (verbais e paralinguagem) e não-vocais. Em cada grande grupo de comportamentos distinguimos diversos tipos de processos. Cada tipo de processo é o resultado do agrupamento de unidades de comportamento semelhantes e passíveis de agir no estabelecimento de uma comunicação. Os processos distinguidos têm uma ou duas letras de código, entre parêntesis curvos ou rectos, quando se trata de processos não-vocais ou de processos vocais, respectivamente.

Como tivemos em conta quer a sucessão, quer a simultaneidade dos comportamentos, este tipo de codificação permite uma visualização clara e rápida da simultaneidade — sobreposição de dois processos —, ou da sua sucessão. Ex: (OS) «Orientação social»  
[PS] «Pressão Social»  
ao mesmo tempo que «Pressão Social»;

(OS) [PA] «Orientação Social» seguida de um «Processo Atencional».

Este tipo de análise levou-nos à construção de ocorrências de comportamentos constituídos em sequências. Uma sequência será, pois, uma série de processos utilizados para estabelecer uma comunicação, onde será

respeitada a ordem e a simultaneidade da utilização dos processos.

Uma sequência começa quando há um desvio da atenção, quer dizer, quando no comportamento de pelo menos uma das crianças, não há índices visíveis de que está a prestar atenção à outra e termina quando há uma comunicação (por comunicação tomámos todas as situações em que a atenção de uma criança é atraída pelo comportamento do outro), desencadeando-se uma simples troca ou uma interacção, vocal ou não-vocal.

Uma vez a comunicação estabelecida, não retivemos os comportamentos das crianças, mas, no período antes da comunicação, retivemos todos os comportamentos da criança que, no fim da sequência, atrai a atenção do outro, salvo quando há uma sucessão de fixações do olhar sobre o par sem reciprocidade, a que chamaremos sequência de olhares furtivos, que retemos para as duas crianças.

Um controlo inter-juizes, efectuado por três pessoas a partir dos filmes, deu uma percentagem de acordo de 82%; a partir da transcrição, o controlo, realizado também por três juizes, deu 81% de acordo.

O tratamento estatístico é limitado porque ainda só dispomos de resultados respeitantes a um nível de idade. Para que se possa ver o que se passa nesta população, calculámos percentagens.

## RESULTADOS

São apresentados dois tipos de resultados: os resultados globais dos dois grandes grupos de processos distinguidos (vocais e não-vocais), e os resultados do estudo das ocorrências de processos constituídos em sequências.

### 1. *Estudo global dos processos*

Os resultados da utilização de processos do tipo vocal e não-vocal são apresentados

na Fig. 1. Os processos não-vocais têm uma frequência dupla da dos processos vocais.

Os resultados dizendo respeito à distribuição da utilização de comportamentos vocais e não-vocais em cada um dos tipos de processos definidos, são apresentados nas Figuras 2 e 3.

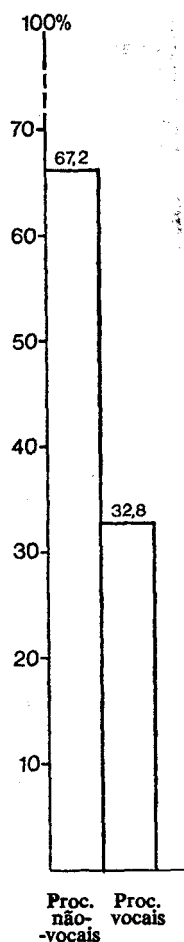


Fig. 1 — Distribuição de frequências dos processos do tipo vocal e não-vocal

Ao examinar a distribuição dos processos não-vocais pelos tipos definidos, constatamos que os processos mais utilizados são os do tipo «Orientação Social», constituindo quase metade dos processos utilizados. Depois é o tipo «Deslocamento no Espaço» (20%), e em seguida «Comportamento de Imitação» (10,6%) e «Actividades sobre os objectos» (9,1%). Finalmente os tipos «Acti-

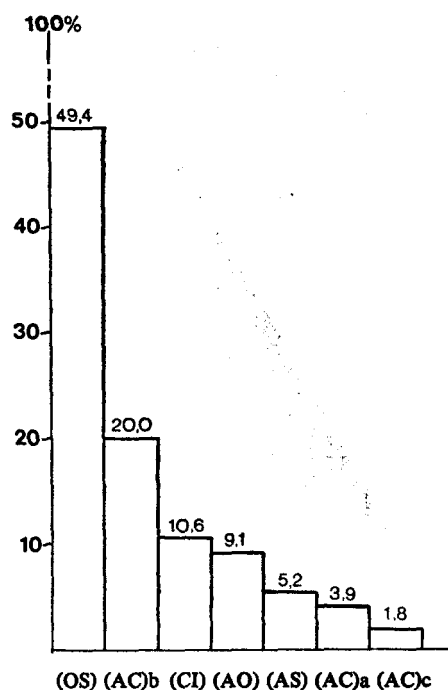


Fig. 2 — Distribuição de frequência dos processos não-vocais.

Legenda:

- (OS) — Orientação Social
- (AC)b — Deslocamento no espaço
- (CI) — Comportamento de imitação
- (AO) — Actividades sobre os objectos
- (AS) — Actividades sociais com os objectos
- (AC)a — Atitudes corporais
- (AC)c — Contacto físico

vidade social» (5,2%) e «Atitudes corporais» (3,9%). O processo menos utilizado é o «Contacto físico» (1,8%).

Na distribuição dos processos vocais, constatamos que os tipos mais utilizados são: «Pressão social» (21,7%) e «Designação-constatação» com a mesma frequência. Depois são os tipos: «Paralinguagem» (15,6%), «Exercício vocal» (14,2%) e «Questões» (12,4%). Os processos menos utilizados são «Processos atencionais» (8,1%) e «Auto-repetição» (6,2%).

Entre os processos do tipo vocal, cremos poder distinguir um grupo de processos mais dirigidos ao interlocutor e ao objectivo: «Pressão social», «Questões», «Processos

atencionais», e temos uma frequência de 42% deste grupo. Poderemos afirmar que a criança desta idade utiliza, com uma frequência elevada, de entre os processos vocais, os mais dirigidos ao interlocutor e a estabelecer uma comunicação com ele.

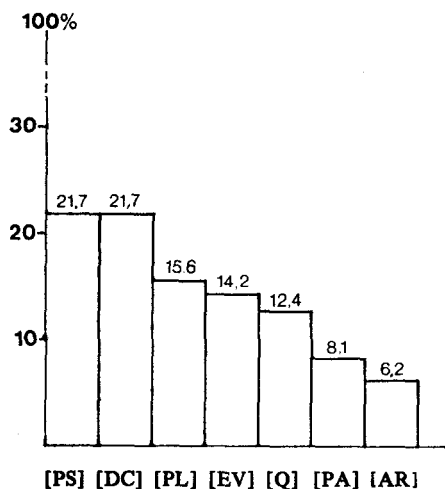


Fig. 3 — Distribuição de frequências dos processos vocais.

Legenda:

- [PS] — Pressão social
- [DC] — Designação-constatação
- [PL] — Paralinguagem
- [EV] — Exercício vocal
- [Q] — Questões
- [PA] — Processos atencionais
- [AR] — Auto-repetição

## 2. Estudo das seqüências de processos

No estudo das seqüências de processos encontramos ocorrências constituídas em seqüências de 1 a 8 unidades, e seqüências constituídas somente por olhares furtivos (RF).

Olhando a distribuição dos resultados representada na Fig. 4, podemos constatar que a entrada em comunicação das crianças da nossa amostra se realiza sobretudo por ocorrências de 1 unidade, seqüências de 2 unidades (32,7% para cada), ou seqüências de 3 unidades (15,6%). A frequência de seqüências maiores é mais fraca, mas ainda se encontram 16% de seqüências de 4 a 8

unidades, sendo raras as seqüências de mais de 6 unidades.

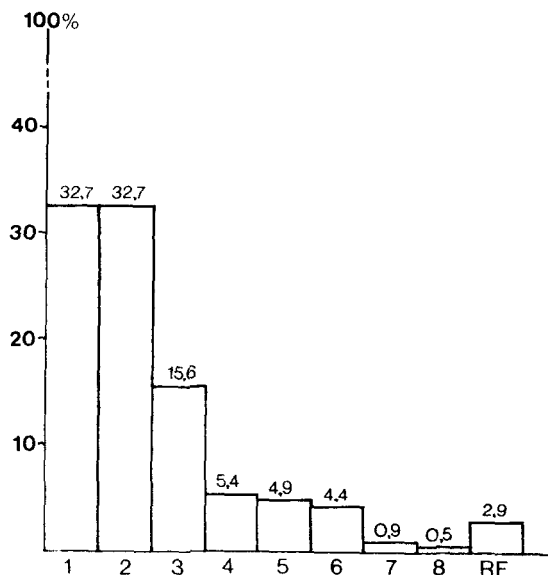


Fig. 4 — Distribuição de frequências de cada tipo de seqüências, em função das unidades da sua composição.

### — Ocorrências de 1 unidade

No que respeita aos processos que, utilizados isoladamente, desencadearam uma comunicação, os resultados são apresentados na Figura 5.

Podemos constatar que a frequência de processos não-vocais (47,7%) e vocais (52,3%) é semelhante. Parece-nos interessante que os dois tipos de processos mais utilizados isoladamente para estabelecer uma comunicação com o par, sejam «Actividades sobre os objectos» (23,8%), e «Exercício vocal» (19,4%), que poderão ser considerados os mais egocêntricos. Com efeito, são os mais afastados do objectivo — entrar em comunicação — e os menos directamente dirigidos ao interlocutor. Pelo contrário, dois dos processos mais dirigidos ao interlocutor e ao objectivo, «Pressão social» e «Actividades sociais com os objectos», aparecem com as frequências mais baixas.

— Ocorrências constituídas em sequências de 2 unidades

Na constituição de sequências de 2 unidades, constatámos que (Quadro 1), as sequências constituídas por uma unidade vocal e uma unidade não-vocal são as mais utilizadas. Depois, com uma frequência ligeiramente inferior, são as sequências constituídas por duas unidades não-vocais as mais utilizadas. As sequências de duas unidades vocais são raras.

Notámos, também, tendo em conta a sucessão e a simultaneidade dos processos, que

a sequência mais utilizada é a constituída pela simultaneidade de uma unidade vocal e de uma unidade não-vocal (44,7 %); este tipo de sequência constitui quase metade das sequências de 2 unidades. Depois, as sequências mais utilizadas são as constituídas pela sucessão (25,3 %) de duas unidades não-vocais, e pela sua simultaneidade (19,4 %). Parece, pois, que a criança desta idade utiliza sobretudo dois processos não-vocais, em sucessão ou em simultâneo, ou um processo vocal e um processo não-vocal em simultâneo, para estabelecer uma co-

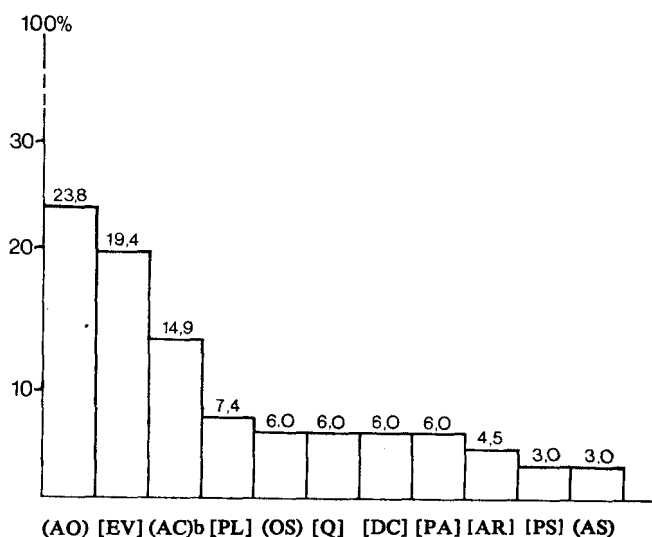


Fig. 5 — Distribuição de frequências dos processos utilizados em ocorrências de uma unidade

Legenda: (AO) — Actividade sobre os objectos; [EV] — Exercício vocal; (AC)b — Deslocamento no espaço; [PL] — Paralinguagem; (OS) — Orientação social; [Q] — Questões; [DC] — Designação-constatação; [PA] — Processos atencionais; [AR] — Auto-repetição; [PS] — Pressão social; (AS) — Actividade social com os objectos.

municação, quando para o efeito utiliza dois processos.

As sequências que começam por um processo vocal são raras. As sequências constituídas pela sucessão de uma unidade não-vocal e uma unidade vocal têm também uma frequência muito fraca (Quadro 1).

O estudo dos tipos de processos empregues mostrou-nos que 62,7 % das sequências de 2 unidades começam por «Orientação social» só (20,9 %), ou em simultâneo com outro processo não-vocal (11,9 %), ou vocal (29,9 %). Dos outros processos, os mais utilizados para começar uma sequência são: «Deslocamento no espaço» (22,4 %), isoladamente (6,0 %), ou em simultâneo com outro processo não-vocal (11,9 %), ou vocal (4,5 %); os «Comportamentos de imitação» (9,0 %), só (1,5 %), ou simultâneo de um outro processo não-vocal (6,0 %), ou vocal (1,5 %).

QUADRO 1

*Distribuição de frequências de cada tipo de seqüências de duas unidades, em função da simultaneidade e da sucessão dos processos, vocais e não-vocais*

Seqüências de 2 unidades	2 unidades não vocais sucessão ( ) ( )	2 unidades não vocais simultâneas { }	2 unidades vocais sucessão [ ] [ ]	1 unidade vocal + 1 não vocal sucessão [ ] ( )	1 unidade não vocal + 1 vocal sucessão ( ) [ ]	1 unidade vocal, não vocal simult. { }	Total
Frequências .....	25,3	19,4	3	3	4,5	44,8	100
Total .....	44,7		3	52,3			100

Dos processos vocais, os mais utilizados para começar uma seqüência são «Pressão social» (25,4 %), isolado (1,5 %) ou associado a um processo não-vocal (23,9 %). Em seguida, é o processo «Designação-constatação» (9,0 %), sempre associado a um processo não-vocal.

O único processo do tipo não-vocal que nunca apareceu associado a um processo do tipo vocal foi «Actividade sobre os objectos». O único processo do tipo vocal que nunca apareceu associado a um processo não-vocal é o «Exercício vocal».

A seqüência que aparece reproduzida mais vezes é a constituída pelos processos «Orientação social»/«Pressão social» (20,9 %). Em seguida, são as seqüências «Orientação social»/«Deslocamento no espaço» (11,9 %), e «Orientação social»/«Actividade sobre os objectos» (10,4 %).

— Ocorrências constituídas em seqüências de 3 unidades

Nas seqüências de três unidades, constatamos que o tipo mais utilizado é constituído pelas seqüências de duas unidades não-vocais e uma unidade vocal (43,8 %). Em seguida, são as seqüências de três unidades não-vocais (34,4 %) (Quadro 2).

Podemos constatar também, no Quadro 2, que o tipo de seqüência de três unidades mais utilizado é constituído por uma unidade não-vocal seguida de uma unidade

vocal simultânea com uma não-vocal. Constatou-se, também, que as seqüências que começam por uma unidade não-vocal isolada constituem 62,4 % das seqüências de três unidades (Quadro 2); as seqüências que começam por uma unidade vocal isolada constituem 15,6 %.

As seqüências que terminam por um processo vocal, só ou associado, constituem 53,1 % das seqüências de três unidades.

As seqüências constituídas por três unidades simultâneas constituem 9,4 % das seqüências, e as seqüências constituídas por três unidades sucessivas 18,7 %.

O processo não-vocal mais utilizado para começar uma seqüência foi «Orientação social» só (56,3 %), ou associado (18,7 %). Com efeito, 75 % das seqüências de três unidades começam por este processo.

Do tipo vocal, é o processo «Exercício vocal» o mais utilizado para começar a seqüência (12,5 %). Para terminar as seqüências, os processos não-vocais mais utilizados são: «Orientação social» (28,1 %), quase sempre em simultâneo com outro processo (21,9 %), e os processos «Comportamento de imitação» e «Deslocamento no espaço», com a mesma frequência (21,9 %). Dos processos vocais, os mais frequentes para terminar uma seqüência são: «Paralinguagem» (15,6 %) e «Designação-constatação» (12,5 %).

QUADRO 2

Distribuição das frequências de cada tipo de seqüências de três unidades, em função da sucessão e da simultaneidade dos processos vocais ( [ ] ), e não-vocais ( ( ) )

Seqüências de 3 unidades	( ) ( )	( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )	( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )	Total
Frequências	18,7	12,5	3,1	28,1	6,3	6,3	3,1	6,3	12,5	3,1	100
Total .....		34,3			43,8			18,8		3,1	100

Os únicos processos que nunca aparecem para acabar uma seqüência são: «Atitudes corporais» e «Processos atencionais».

Os únicos processos não-vocais que nunca aparecem em simultâneo com um processo vocal são: «Atitudes corporais» e «Actividades sobre os objectos».

A seqüência que mais frequentemente se repete é constituída pelas unidades: «Orientação social»/«Deslocamento no espaço»/«Comportamento de imitação», representando 12,5 % das seqüências de três unidades. Com utilização de processos vocais, as seqüências que se repetiram são constituídas pelas seguintes unidades: «Orientação social»/«Comportamento de imitação»/«Paralinguagem»; «Orientação social»/«Questões»/«Orientação social»; «Orientação social»/«Designação»/«Actividade social com os objectos», e representam, cada tipo, 6,3 % do total.

— Ocorrências constituídas em seqüências de 4 ou mais unidades.

Devido à sua baixa frequência e heterogeneidade, as seqüências de quatro e mais unidades apenas nos permitem fazer uma análise muito global.

Nas seqüências de quatro unidades, temos a seguinte constituição: quatro unidades não-vocais, 54,5 %; três unidades não-vocais e uma unidade vocal, 36,4 %; três unidades vocais e uma unidade não-vocal, 9,1 %.

Mais de metade das seqüências de quatro unidades são constituídas somente por unidades não-vocais. Os processos vocais são utilizados em 36,4 % das seqüências de quatro unidades em última posição.

Os processos não-vocais mais utilizados para começar uma seqüência são: «Orientação social»/«Comportamento de imitação», 36,4 %, ou «Orientação social»/«Deslocamento no espaço», 27,3 %.

Nas seqüências de mais de quatro unidades (5, 6, 7, 8 unidades), o que constatámos foi que 9,1 % das seqüências são constituídas apenas por processos não-vocais.

As seqüências onde os processos vocais foram utilizados distribuem-se do seguinte modo: com um processo vocal, 13,6 %; com dois processos vocais, 36,4 %; com três processos vocais, 27,3 %; com quatro processos vocais, 13,6 %.

As seqüências que começam por uma unidade vocal isolada constituem 22,7 % das seqüências de mais de quatro unidades, e 50 % deste tipo de seqüências começa por um processo não-vocal simultâneo com um outro processo (23,7 % associada a um processo vocal). Começando por uma unidade vocal isolada, temos 27,3 % de seqüências.

Para acabar uma seqüência, em 81,8 % dos casos aparece um processo não-vocal simultâneo com um outro (50,0 % associado a um processo vocal). Em 18,2 % dos casos aparece um processo vocal isolado.

## INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A frequência de processos não-vocais é dupla da de processos vocais.

No que respeita à utilização dos diferentes tipos de processos definidos, os nossos resultados confirmam os de Mueller (1977), na utilização muito frequente de «Orientação social» enquanto meio para estabelecer uma comunicação. Os resultados também estão de acordo com os de Eckerman (1975), na fraca frequência de contacto físico entre as crianças desta idade. Mas os resultados estão em desacordo com os de Montagner (1978). Com efeito, encontramos muito raramente unidades de comportamento dos tipos «Atitudes corporais» e «Actividades sociais com os objectos».

Achamos interessante o facto de termos constatado uma grande frequência de processos do tipo «Pressão social», relativamente à frequência de «Processos atencionais»; interpretamos estes resultados como índices de uma fraca estruturação da aprendizagem de meios convencionais para chamar a atenção, nas crianças de 3 anos.

Constatámos também que, quando a criança desta idade estabelece uma comunicação com o interlocutor por processos vocais, fá-lo em 42% dos casos utilizando processos directamente dirigidos ao interlocutor («Pressão social», «Questões», «Processos atencionais»).

A grande maioria das entradas em comunicação realiza-se após uma sequência de 1, 2, ou 3 unidades comportamentais e somente 16% após uma sequência maior. Mas se se pode constatar que o desencadeamento de uma comunicação se realiza essencialmente após uma sequência de 1, 2, ou 3 unidades, a análise específica das unidades de comportamento de que são compostas revela uma certa heterogeneidade. Com efeito, em oposição aos resultados

de Montagner (1978), não encontramos nenhum modelo de sequência-tipo.

Quando a criança utiliza somente uma unidade de comportamento para desencadear um contacto, fá-lo preferencialmente utilizando processos do tipo «Actividades sobre os objectos» e «Exercício vocal», que podem ser classificados como os tipos mais egocêntricos — quer dizer, mais indirectamente dirigidos ao interlocutor e ao objectivo — da nossa grelha. Por oposição, muito raramente a criança utiliza processos mais directamente dirigidos, como «Pressão social» e «Actividades sociais com os objectos».

Quando a criança utiliza sequências de 2 unidades, fá-lo sobretudo utilizando uma sequência de 2 unidades não-vocais, ou de 1 unidade vocal e uma unidade não-vocal em simultâneo. A sequência de processos mais utilizada foi «Orientação social»/«Pressão social».

Nas sequências de 3 unidades, as mais frequentes são sequências de 3 unidades não-vocais, ou de 2 unidades não-vocais e 1 vocal. Quando a sequência começa por um processo não-vocal, é a «Orientação social» o processo mais utilizado e, quando começa por um processo vocal, é o «Exercício vocal» o mais utilizado.

Para terminar a sequência, a criança utiliza mais frequentemente «Orientação social», «Deslocamento no espaço», «Comportamentos de imitação», «Paralinguagem» e «Designação-constatação». Os únicos processos que nunca apareceram no final de uma sequência são «Processos atencionais» e «Atitudes corporais».

A sequência que apareceu mais frequentemente foi a constituída pelos processos seguintes: «Orientação social»/«Deslocamento no espaço»/«Comportamentos de imitação».

Mais de metade das sequências de 4 unidades são constituídas somente por unidades não-vocais. Das sequências de mais

de 4 unidades, as mais utilizadas são com 2 processos vocais somente.

Creemos que todos estes resultados refletem uma certa heterogeneidade na utilização dos processos. E, se considerarmos os processos, enquanto os mais directamente dirigidos ao objectivo e ao interlocutor, e os menos directamente dirigidos, creemos poder constatar um certo desequilíbrio, uma certa procura de adaptação nos comportamentos utilizados pela criança de 3 anos para estabelecer uma comunicação. Constatamos esta que só poderá ser controlada após um estudo comparativo com crianças mais velhas. Talvez se possa evidenciar uma evolução genética nos processos infantis de estabelecimento de uma comunicação, evolução esta que provavelmente, e de acordo com os resultados de Garvey e Hogan (1973) e Montagner (1978), será no sentido da utilização cada vez mais frequente de modelos-tipo de sequências de processos.

#### RESUMO

*O objectivo do trabalho foi estudar os processos de entrada em comunicação utilizados por crianças de 2-3 anos.*

*As crianças foram observadas em pares da mesma idade e sexo e não se conheciam. A situação de observação foi uma situação de jogo livre.*

*Os resultados mostram que as crianças desta idade utilizam uma frequência dupla de processos não vocais, relativamente aos vocais, para estabelecer uma comunicação com o par.*

*O processo não vocal mais utilizado foi «Orientação social».*

*Também foi efectuada uma análise sobre a sucessão/simultaneidade dos processos utilizados, tendo-se concluído que não há um modelo-tipo de sequência.*

#### BIBLIOGRAFIA

- BEAUDICHON, J. BIDEAU, J. (1979), «De l'utilité des notions d'égoïsme de décentration et de prise de rôle dans l'étude du développement», *L'Année Psychologique*, 79, 589-622.
- DELAMARE, C. (1980), *Etude des moyens mis en oeuvre par des enfants pour attirer l'attention d'une adulte*, Relatório de investigação para o "certificat de psychologie génétique", Université René Descartes, Paris.
- ECKERMAN, C., WHATLEY, J., KUTZ, S. (1975) «Growth of social play with peers during the second year of life», *Developmental Psychology*, vol. 11, n.º 42-49.
- ECKERMAN, C., WHATLEY, J. (1977), «Toys and social interaction between infant peers», *Child Development*, 48, 1645-1656.
- FLAMENT, F. (1977), «Quelques remarques sur la genèse de la communication non-verbale dans les interactions sociales entre nourrissons», *La Genèse de la Parole*, 69-79, P. U. F., Paris.
- GARVEY, C., HOGAN, R. (1973), «Social speech and social interaction egocentrism revisited», *Child Development*, 44, 562-68.
- JACKLIN, C. N., MACCOBY, E. (1978), «Social behaviour at thirty-three months in same-sex and mixed-sex dyads», *Child Development*, 49, 557-569.
- JOSSE, L., LEZINE *et al.* (1973), «Evolution de la communication entre l'enfant de 4 à 9 mois et l'adulte», *Enfance*, 3-4, 175-205.
- LANGLOIS, J., GOTTFRIED, N. *et al.* (1978), «The effect of peer age on the social behavior of preschool children», *The Journal of Genetic Psychology*, 132, 11-19.
- LEZINE, I. (1974), «Des vocalises au langage», in *Propos sur le Jeune Enfant*, 101-133, Mame.
- LEZINE, I. (1977), «A propos de la communication gestuelle dans la première année», in *La Genèse de la Parole*, 81-87, P. U. F., Paris.
- MEHRABIAN, A., ATHERTON, A. (1972), «Child Communication», in *Non Verbal Communication*, 159-177, Chicago.
- MONTAGNER, H. (1978), *L'Enfant et la Communication*, Stock, Paris.
- MUELLER, E. (1972), «The maintenance of verbal exchanges between young children», *Child Development*, 43, 930-938.

- MUELLER, E., BLEIR, M. *et al.* (1977), «The development of peer verbal interaction among two-year-old boys», *Child Development*, 48, 284-287.
- PIAGET, J. (1948), *Le Langage et la Pensée Chez L'Enfant*, Delachaux et Niestlé, S. A., Neuchâtel.
- SCHEGLOFF, E. (1968), «Sequencing in conversational openings», *American Anthropologist*, 70.
- SLAMA CAZACU, T. (1966), «Le dialogue chez les petits enfants sa signification et quelques unes de ses particularités», *Bulletin de Psychologie*, 19, 688-696.
- SOLER (1977), «De la communication gestuelle au langage verbal», in *La Génèse de la Parole*, P. U. F., Paris.
- SUARD, M. (1980), *Etude des moyens mis en oeuvre par l'enfant pour attirer l'attention d'un enfant plus jeune*. Relatório de investigação para o "certificat de Maitrise en psychologie génétique", Université René-Descartes, Paris.

**ASSINE**

**DIVULGUE**

# ANALISE PSICOLÓGICA



**Distribuição:**

  
**assírio e alvim**

**Rua Passos Manuel, 67-B**

**1100 LISBOA**